

## *Nota de Apresentação*

“Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro”, disse Quincas Borba e diria Machado de Assis, com direito de Bruxo que seus leitores não deixam morrer, pois, se a literatura se estende em espaço e tempo constelar, já lá está a obra imortal deste escritor brasileiro.

Carlos Fuentes, em seu *Machado de la Mancha* opondo-se à tradição histórica e documental de Waterloo, situa Machado de Assis na tradição de Cervantes, na tradição de La Mancha, da literatura como ficção que tem sua eficácia na construção não de uma pretensa verdade, mas de “verdades” que persistem em sua singularidade e na força de sua letra.

Neste número 16 da revista *O Eixo e a Roda*, encontram-se vários Machados: o que veio de la Mancha, certamente, e o que trouxe documentos de Waterloo, pois nosso escritor teve mãos para a escrita de ficção e olhos agudos para a História Universal e a História Brasileira, em seus caminhos e descaminhos.

É o que se pode ler nos artigos presentes, cujas fronteiras nem sempre rígidas entre as terras de Waterloo e la Mancha, e como o leitor poderá ou não distinguir.

Vera Casa Nova  
Ruth Silviano Brandão  
Marli Fantini